

Classe, Gênero & Soberania na Nicarágua²

¹ A autora agradece aos atentos comentários dos pareceristas e aos conselhos editoriais especializados de Judith Lorber na revisão de uma versão original deste artigo, publicada em *Gender & Society*, vol. 4, nº 3, setembro de 1990.

² A tradução para o português deste artigo, publicado originalmente sob o título *Revolutionary Popular Feminism in Nicaragua: Articulating Class, Gender and National Sovereignty*, foi graciosamente autorizada pela autora e pela editora.

³ MURGUIALDAY MARTINEZ, Clara. *Ser Mujer en Nicaragua. Testimonios de Mujeres Haciendo Revolución*. Montevideo: Imprenta Cunatal, 1987; MACARTHUR, Harvey. *Nicaraguan Women Hold National Assembly, The Militant*, 01/05/1987; _____. *Debaten Lucha por Derechos de la Mujer. Perspectiva Mundial*, julho de 1987.

No Dia Internacional da Mulher, 8 de março de 1987, a Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), partido revolucionário no poder, na Nicarágua, fez sua primeira declaração programática a respeito da situação das mulheres e da relação destas com o processo revolucionário que, em 1979, começara a derrubar o governo Somoza. A declaração foi o resultado de dois anos de discussões e debates travados não só no interior da estrutura da Frente, mas na opinião pública em geral e nas organizações populares em que a FSLN estava envolvida - sindicatos rurais e urbanos, associações profissionais e estudantis, militares e associações de mulheres, entre outras³.

A declaração fazia uma retrospectiva do compromisso histórico assumido pela FSLN em seu primeiro pronunciamento, em 1969, sobre a luta contra a discriminação das mulheres: as condições de discriminação e exploração que caracterizavam a vida das mulheres nicaraguenses sob a ditadura de Somoza; o importante papel por elas exercido na derrota da ditadura; as conquistas obtidas pelas mulheres e pela revolução em geral em nome delas, desde 1979, e as dificuldades encontradas na implantação de projetos e programas que beneficiariam as mulheres em face da necessidade de canalizar recursos humanos e materiais para a guerra com os contras.

A declaração ressaltava o nível da participação política das mulheres no governo e outras organizações, sem precedentes na história do país: 31,4% ocupavam posições de liderança no governo, 67% estavam nos comitês de defesa sandinista e 26,8% eram filiadas à FSLN. Embora inéditos, esses resultados da participação política das mulheres no processo revolucionário foram

⁴ *Barricada Internacional. Emancipation for Everyone.* 26/03/1987; FSLN. *El FSLN y la Mujer en la Revolución Popular Sandinista.* Manágua: Editorial Vanguardia, 08/03/1987.

⁵ *The Militant. Revolution Opens Door to Women's Equality.* 22/05/1987.

⁶ CRIQUILLON, Ana. *Acabamos con el Mito del Sexo Debil.* *Terra Nuova Forum* 13, p. 31-35, junho de 1988; PALLAIS, Desirée. *Para la Plena Paridad se Necesitará Más Tiempo* *Terra Nuova Forum* 13, p. 66-68, junho de 1988.

⁷ O reconhecimento da necessidade de desenvolver uma campanha consciente contra a ideologia e a prática sexistas nas ações governamentais, assim como nas atividades práticas dos revolucionários, diferencia claramente a posição da FSLN do argumento da esquerda tradicional latino-americana. Para esta o sexismo é um problema de "setores ideológica e culturalmente atrasados da sociedade", mas "está sendo superado entre os revolucionários mais avançados". Essa esquerda considera ainda que devem ser evitados os debates potencialmente explosivos sobre o sexismo, especialmente nas relações pessoais, até que o movimento revolucionário esteja fora do alcance de uma атаca externo, ou até que as condições econômicas permitam incorporar as mulheres no mercado de trabalho assalariado e socializar o trabalho doméstico (isto é, até que o socialismo tenha sido totalmente estabelecido). A posição da FSLN também diverge do

considerados insuficientes. Fez-se então um apelo a pessoas e organizações para ajudar a criar condições iguais de participação das mulheres no processo decisório da revolução⁴.

Ao mesmo tempo, a declaração tranquilizava os defensores de uma posição mais tradicional das mulheres. Isso se revelava na omissão de questões como controle da natalidade, educação sexual e aborto e na afirmação de que "a família é a unidade básica da sociedade e a garantia da reprodução social, não só do ponto de vista biológico, como também dos princípios e valores da sociedade" - uma concepção equivalente à da Igreja Católica. A ausência de afirmações contrárias a uma posição feminista mais explícita sobre essas questões pode ser vista, porém, como um reflexo do debate existente dentro e fora da FSLN⁵.

Apesar dessas omissões e aparentes concessões, as ativistas que se tinham mobilizado em defesa de uma perspectiva feminista mais explícita na FSLN, no governo e nas organizações populares, alegando que ela era essencial tanto para ganhar a guerra quanto para consolidar a revolução, entusiasmaram-se com algumas seções do documento. Entre outras, as que propunham uma ampla campanha contra as ideologias do machismo e do sexismo; que consideravam o feminismo como um movimento popular a ser definido pelas próprias mulheres ("organização autônoma", numa crítica implícita às práticas verticalistas do antigo Partido Sandinista); que falavam da importância essencial da influência política das mulheres na revolução, não só para consolidá-la a longo prazo, quanto para o objetivo imediato de ganhar a guerra⁶.

A declaração admitia que as mulheres podiam obter vantagens políticas e ideológicas mesmo em circunstâncias de escassez material e diante da necessidade de alcançar uma unidade política mais ampla. Implícitamente aceitava o argumento de que, em cada etapa do processo revolucionário, pode e deve ser travada alguma forma de luta específica de gênero, ou feminista, ainda que faltem condições econômicas necessárias para solucionar muitos problemas enfrentados pelas mulheres⁷. Essa posição é coerente com um princípio sandinista básico de que as lutas política e ideológica podem tornar-se, por si mesmas, forças materiais no processo de transformação revolucionária⁸.

Atribuindo importância à política e à ideologia, além da infra-estrutura econômica, a liderança da Revolução nicaraguense rompia com o economicismo e "etapismo" do período stalinista do pensamento marxista⁹. Adotou uma abordagem mais dialética,

pensamento que atribui a falta de igualdade de participação ao "atraso" das mulheres, que, por sua vez, é o resultado de uma história de exclusão. Essa posição ignora ou subestima o permanente obstáculo representado pelo machismo e o sexismo.

8 NUÑEZ, Orlando. *La Ideología Como Fuerza Material*. In: *Clases Sociales en Nicaragua*. Manágua: Ediciones Blas Real Espinales, 1981.

9 ANDERSON, Perry. *Considerations on Western Marxism*. Londres: NLB, 1986; VOGEL, Lise. *Marxism and Feminism: Unhappy Marriage, Trial Separation or Something Else?* In: SARGENT, Lydia (ed.), *Women and Revolution: A Discussion of the Unhappy Marriage of Marxism and Feminism*. Boston: South End Press, 1981; _____ *Marxism and the Oppression of Women: Toward a Unitary Theory*. New Brunswick (NJ): Rutgers University Press, 1983.

10 HODGES, Donald C.. *Intellectual Foundations of the Nicaraguan Revolution*. Austin: University of Texas Press, 1986.

11 BENGELSDORF, Carolee. *State and Society in the Transition to Socialisms: The Theoretical Legacy*. In: FAGEN, Richard, DEERE, Carmem Diana, CORAGGIO, José Luís (eds.), *Transition and Development Problems of Third World Socialism*. Nova Iorque: Monthly Review Press, p. 192-211, 1986; LOWY, Michel. *Mass Organization, Party and State: Democracy in the Transition to Socialism*. In: FAGEN, Richard, DEERE, Carmem Diana, CORAGGIO, José Luís (eds.),

influenciada pelos marxistas europeus, como Antonio Gramsci, e pelos socialistas latino-americanos, como José Carlos Mariátegui e Carlos Fonseca Amador, co-fundador da FSLN¹⁰. Essa versão mais flexível do marxismo, baseada na consciência da complexidade e desigualdade das sociedades latino-americanas e num compromisso com o pluralismo, a democracia e a participação das massas na transição para o socialismo¹¹, é mais compatível com o pensamento das feministas modernas. Essas feministas defendem uma compreensão da natureza dialética da produção e da reprodução, da classe e do gênero, bem como das esferas ideológica e econômica da realidade social¹², e afirmam o direito das mulheres à "organização autônoma"¹³.

Se alguns elementos do "novo marxismo" na América Latina são compartilhados pela revolução cubana, a ênfase no pluralismo político e na democracia popular tem sido muito maior no caso da Nicarágua. De um lado porque, nesse país, a tomada do poder sucedeu-se a uma prolongada luta popular contra a ditadura, que exigiu uma intensa organização das massas; de outro, por causa das próprias lições aprendidas com a experiência cubana. Além disso, em 1959, o clima político na América Latina e no mundo era muito diferente do que predominava em 1979¹⁴. Esses fatores se associam ao importante papel quantitativo e estratégico exercido pelas mulheres na Nicarágua, durante os últimos dois anos da luta contra Somoza, em oposição à reduzida participação que tiveram em Cuba e à disposição da revolução cubana para interagir com as feministas de outros países. A situação da Nicarágua é única na História das revoluções no Terceiro Mundo. Por tudo isso e pelas importantes mudanças ocorridas na estrutura social do país (a grande proporção de famílias chefiadas por mulheres e as mudanças na divisão sexual do trabalho associadas à guerra com os contras), as condições na Nicarágua são mais favoráveis do que em outras revoluções no Terceiro Mundo para a definição de uma versão de feminismo consistente com o processo revolucionário e apoiada por uma grande diversidade de mulheres, a maioria pobre.

Para compreender o significado dessas posições e as razões e maneiras pelas quais, naquele momento, a FSLN adotou-as como orientação pública, é necessário entender a história dos esforços das mulheres para se organizarem no interior da revolução nicaragüense, e a evolução das idéias sobre as relações entre a libertação das mulheres e a revolução social num contexto de Terceiro Mundo.

Transition and Development: Problems of Third World Socialism. Op. cit., p. 264-279, 1986; SAUL, John. S., *The Role of Ideology in the Transition to Socialism*. In: FAGEN, Richard, DEERE, Carmem Diana, CORAGGIO, José Luis (eds.), *Transition and Development: Problems of Third World Socialism*. Op. cit., p. 212-230, 1986.

¹² BARRETT, Michèle. *Women's Oppression Today: The Marxist Feminist Encounter*. Londres: Verso, 1980.

¹³ BRENNER, Johanna. *Women's Self-Organization: a Marxist Justification*. *Against the Current*, outono de 1980, p. 24-32; MOLINEUX, Maxime. *Socialist Societies Old and New: Progress Toward Women's Emancipation?* *Monthly Review* 34 (3), 1982, p. 56-100.

¹⁴ BURBACH, Roger, NUÑEZ, Orlando. *Fire in the Americas: Forging a Revolutionary Agenda*. Nova Iorque: Verso, 1987.

¹⁵ MOLINEUX, Maxime. *Mobilization Without Emancipation? Women's Interests, State and Revolution*. In: FAGEN, Richard, DEERE, Carmem Diana, CORAGGIO, José Luis (eds.), *Transition and Development: Problems of Third World Socialism*. Op. cit., p. 280-302, 1986.

¹⁶ *Ibidem*, p. 285.

O argumento defendido neste ensaio é que é possível combater a tendência aparentemente universal de desmobilização política das mulheres após a subida ao poder de um movimento revolucionário, ainda que elas sejam oficialmente exortadas a permanecer ativas, se houver vontade política por parte da liderança revolucionária para levar adiante a difícil e controversa questão da ideologia e das práticas sexistas. Embora esse compromisso possa ser assumido voluntariamente no nível da alta liderança política (predominantemente masculina), ele provavelmente será mais profundo e mais duradouro se resultar de uma luta das próprias mulheres dentro e fora da vanguarda da organização revolucionária. É preciso criar um espaço político dentro dessa luta, e como aspecto dela, onde as próprias mulheres possam definir seus interesses; um espaço onde os "interesses práticos de gênero" (interesses que derivam da divisão sexual do trabalho vigente), como define Molineux¹⁵, possam ser politizados e transformados em "interesses gerais de gênero" (interesses que desafiam as formas existentes de subordinação de gênero). Articulados com outros aspectos da identidade das mulheres (inclusive classe, raça, etnicidade e identidade nacional), aqueles "interesses gerais" passam a constituir uma plataforma para sua tentativa de influenciar o processo revolucionário de transição.

É essa articulação de interesses práticos e estratégicos de gênero com outros aspectos da identidade e localização estrutural das mulheres que Molineux diz constituir "um aspecto central da prática política feminista"¹⁶ nos processos de mudança revolucionária como a que se tentou fazer na Nicarágua. As condições materiais de vida das mulheres permanecerão um obstáculo à sua participação política enquanto não existirem recursos suficientes para minorar a pobreza e o trabalho doméstico; mas os investimentos materiais não são os únicos possíveis a um movimento revolucionário na construção de uma sociedade onde as mulheres alcancem igualdade e auto-realização como seres humanos autônomos. Dar poder político às mulheres pode ser útil não só para aumentar as chances de melhorar suas condições materiais de vida, mas para liberar sua força e criatividade na solução inovadora de problemas materiais.

As mulheres contra a ditadura

A participação maciça das mulheres na queda da ditadura de Somoza não teve precedentes nem na

¹⁷ CHINCHILLA, Norma Stoltz. *Women in Revolutionary Movements: the Case of Nicaragua*. In: Stanford Central America Action Network (ed.), *Revolution in Central America*. Boulder (CO): Westview, p. 422-434, 1983; _____. *Women in the Nicaraguan Revolution*. *Nicaraguan Perspectives* 11, inverno 1985-6, p. 18-26; MAIER, Elizabeth. *Nicaragua: La Mujer en la Revolución*. Manágua: Ediciones de Cultura Popular, 1980; RAMIREZ-HORTON, Susan E., *The Role of Women in the Nicaraguan Revolution*. In: WALKER, Thomas W. (ed.), *Nicaragua in Revolution*. Nova Iorque: Praeger, 1982, p. 147-160.

¹⁸ MURGUIALDAY MARTINEZ, Clara. *Una Brecha en el Muro del Machismo: Diez Años de Lucha de las Mujeres Nicaraguenses*. *Terra Nuova Forum* 13, junho de 1988, p. 9-65; RAMIREZ-HORTON, Susan E., op. cit.; RANDALL, Margaret. *Sandino's Daughters*. Columbia Britânica, Canadá: New Star Books, 1981.

¹⁹ HARTMANN, Heidi. *The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Toward a More 'Progressive Union'*. In: SARGENT, Lydia (ed.), *Women and Revolution: A Discussion of the Unhappy Marriage of Marxism and Feminism*. Op. cit., p. 1-42; ROWBOTHAM, Sheila. *Women, Resistance and Revolution: A History of Women and Revolution in the Modern World*. Nova Iorque: Random House, Vintage Books, 1974; ROWBOTHAM, Sheila, SEGAL, Lynne, WAINWRIGHT, Hillary. *Beyond the Fragments: Feminism and the Making of Socialism*. Londres: Merlin Press, 1979.

história da Nicarágua nem em todo o hemisfério ocidental¹⁷. Até certo ponto, esse nível de participação não se diferenciou do formato e da motivação que caracterizaram a revolta popular contra a repressão, a corrupção, a pobreza e o desemprego. Durante os dois últimos anos da ditadura, porém, uma boa parte do envolvimento das mulheres do povo na revolução, nos subúrbios e nas cidades, foi estimulada e coordenada por uma organização ligada à FSLN, a Associação de Mulheres pelo Problema Nacional (AMPRONAC).

A AMPRONAC, organizada em fins de 1977, visava reunir mulheres de diferentes classes e setores sociais em torno de uma demanda básica de respeito aos direitos humanos. Mas, com o tempo, as posições e táticas da associação foram se tornando cada vez mais radicais. Perfo do verão de 1978, a facção majoritária do movimento apoiava a ampla coligação influenciada pela FSLN (o Movimento do Povo Unido, MPU) que exigiu a derrubada da ditadura de Somoza¹⁸.

A AMPRONAC foi a mais bem sucedida organização de mulheres ligada a um partido revolucionário de esquerda na América Latina até aquela época. Um fator decisivo de seu êxito foi a capacidade de tomar como objeto uma questão geral, os direitos humanos, que afetavam as mulheres de modo particular, e de enfrentá-lo com táticas e formas organizacionais nascidas das experiências específicas das mulheres. O movimento não se baseava no pressuposto de que a consciência política das mulheres era uma derivação da consciência dos homens; ou seja, o conceito de consciência "de segunda mão" que as feministas corretamente criticavam¹⁹. Ao contrário, baseava-se no suposto de que as mulheres têm experiências próprias de gênero, algumas delas especificamente de classe, mas outras compartilhadas ao longo das divisões de classe. A mobilização política das mulheres em torno de demandas baseadas na divisão sexual do trabalho vigente refletiam interesses mais práticos do que estratégicos²⁰, ou uma consciência de mulher diferente da consciência feminista²¹.

O documento de fundação da organização incluía uma seção intitulada *As Lutas das Mulheres por sua Auto-Emancipação* (que se seguiu à seção *As Lutas das Mulheres pela Emancipação Geral do Povo*). Nessa seção declarava-se que, além da pobreza e da repressão que as unia à população em geral, as mulheres suportam "uma dupla carga de discriminação baseada no sexo... dependência e submissão aos homens. Como mulheres, nós vemos a maneira como o sistema econômico em que vivemos cria e alimenta o machismo entre homens e mulheres, dando aos homens

²⁰ MOLINEUX, Maxime (1986), op. cit.

²¹ KAPLAN, Temma. Female Consciousness and Collective Action: the case of Barcelona, 1910-1981. In: KEOHANE, Nannerl, ROSALDO, Michelle, GELPI, Barbara (eds.), *Feminist Theory: A Critique of Ideology*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

²² Programa da AMPRONAC, citado por MAIER, Elizabeth (1980), op. cit., p. 155-6.

o papel de opressores e às mulheres o de escravas submissas e apáticas, tornando-as objetos. Nosso papel de mulher tem sido tradicionalmente reduzido ao trabalho doméstico exaustivo e escravizante, que realizamos sem remuneração, mas que ninguém reconhece como importante. É uma tarefa infundável e desumana, que não conhece feriado ou férias, nem sábado, nem domingo, nem dias de folga. É uma tarefa desumana, porque nossos horizontes ficam restritos ao tamanho da nossa cozinha e não enxergamos o mundo além de nosso quartelão"²².

A ditadura de Somoza foi considerada a grande culpada por essa situação de opressão; a principal via de superação proclamava as mulheres a ampliarem seus horizontes para além da esfera doméstica e incltava-as a participar da luta da AMPRONAC contra a ditadura. O documento concluía dizendo que apenas a participação total das mulheres na vida política, econômica e social do país poderia assegurar "a completa destruição do sistema de discriminação contra a mulher e de sua opressão".

Em teoria, portanto, a AMPRONAC criticava o efeito de isolamento e alienação do trabalho doméstico não pago e o pressuposto de que a esfera natural da vida da mulher deveria ficar confinada nos seus limites. Ao contrário, a associação argumentava que as mulheres deveriam alargar sua visão de mundo para além da família ou da vizinhança, olhar para a nação e a luta militante, por intermédio de uma associação específica de gênero, a fim de enriquecer sua própria vida e a vida de outros, com a derrubada da ditadura. Não se fazia menção, porém, a um futuro situado além desse horizonte, nem a uma estratégia para alcançá-lo.

Na prática, muitas mulheres que responderam ao chamado de mobilização pelos direitos humanos e contra a ditadura da AMPRONAC, talvez mesmo a maioria delas, fizeram-no a partir de sua identificação com os papéis de mãe, avó ou esposa em vez de serem movidas por uma crítica da divisão sexual do trabalho ou de suas condições sociais como mulheres²³. A força de sua identidade com o papel de defensoras abnegadas da família, especialmente dos filhos, parecia dar-lhes coragem para transgredir as proibições tradicionais de gênero contra a atividade pública (afora o trabalho e a religião) e para marchar contra as prisões ou os acampamentos militares da ditadura, exigindo a liberdade de seus filhos, filhas, maridos, companheiros e outros membros da família²⁴. Enquanto algumas usaram silenciosamente suas redes de amizade e parentesco para coletar suprimentos médicos ou organizar clínicas e refúgios para os combatentes, outras fabricaram

²³ MAIER, Elizabeth (1980), op. cit.; RANDALL, Margaret, op. cit..

²⁴ RANDALL, Margaret, op. cit..

²⁵ RANDALL, Margaret, op. cit.; MAIER, Elizabeth (1980), op. cit..

²⁶ CHINCHILLA, Norma Stoltz (1985-6), op. cit.; DEIGHTON, Jane, HORSLEY, Rossana, STEWART, Sarah, CAIN, Cathy. *Sweet Ramparts: Women in Revolutionary Nicaragua*. Birmingham, Inglaterra: War on Want/ Nicaragua Solidarity Campaign, 1983.

²⁷ Homens e mulheres lutaram lado a lado durante a insurreição, mas depois que a ditadura caiu, os oficiais do Exército queixavam-se de que um relaxamento geral da disciplina causou muitos problemas nas unidades mistas, inclusive um certo número de mulheres que apareceram grávidas. Por uma recomendação do comando, e provavelmente a conselho dos instrutores militares cubanos, o treinamento de mulheres e homens no Exército regular passou a ser feito em separado. Depois de protestos iniciais de que elas estavam sendo designadas para tarefas de infraestrutura e apoio, em vez de tarefas de combate, as unidades de mulheres receberam missões no campo de batalha. A Nicarágua parece ser o único país socialista onde as mulheres servem em unidades de combate. Uma vez que a promoção para postos de alta responsabilidade política frequentemente resulta do serviço prestado em tempo de guerra, muitas ativistas se preocupavam com as consequências que a existência de um menor número de mulheres no serviço ativo pudesse vir a ter sobre sua representação na cúpula da liderança.

explosivos caseiros e os transportaram em cestas cheias de frutas e legumes até os alvos de destino. Outras ainda deram entrevistas e fizeram palestras²⁵. Nesse processo, a imagem do que podiam fazer as mulheres, principalmente as mães, mudou na percepção da opinião pública e na mentalidade das mulheres. Ao lado das jovens que deixavam o lar para pegar em armas como militantes da FSLN, as mulheres da AMPRONAC conquistaram um direito inquestionável de participar no processo de transformação da Nicarágua após a queda da ditadura.

Se esse direito viria ou não a ser plenamente exercido, ou se dele resultariam mudanças duradouras no papel tradicionalmente subordinado das mulheres, dependia da sua atividade pós-revolucionária e da estrutura política e ideológica que iria emergir da Revolução.

A euforia dos primeiros dois anos

Após a vitória de 19 de julho de 1979, a AMPRONAC se transformou na Associação de Mulheres Nicaragüenses Luísa Amanda Espinoza (AMNLAE). Fazendo a análise de que as mulheres poderiam atingir a igualdade na nova sociedade se continuassem a mudar sua imagem desvalorizada por meio do trabalho duro na tarefa de reconstrução, posição mais tarde denominada "Integracionista", a AMNLAE mobilizou suas energias para apoiar as campanhas de reconstrução nacional que a FSLN havia definido como prioritárias para o período. Quase não se discutia a maneira como os esforços da AMNLAE se diferenciariam do que faziam outras organizações de massa. A associação procurava maximizar a participação das mulheres nos tribunais comunitários de julgamento dos homens da guarda de Somoza, nas campanhas voluntárias de limpeza da comunidade e nas colheitas de algodão e café. A AMNLAE mobilizou um grande número de jovens como professoras para Cruzadas de Alfabetização, ficando suas mães incumbidas do apoio logístico. Quando tudo isso terminou, muitas dessas mesmas mulheres vieram a participar das campanhas de vacinação, alimentação e higiene, e das brigadas de medicina preventiva. A AMNLAE persuadiu milhares de mulheres a se juntarem às milícias populares e, como resultado de sua persistência, formaram-se vários batalhões de infantaria de mulheres^{26,27}.

A AMNLAE também teve um importante papel na criação dos Comitês de Defesa sandinistas (majoritariamente compostos por mulheres)²⁸, de cooperativas de produção e venda e de creches nas

²⁸ Os Comitês de Defesa Sandinistas (CDS) foram criados no período da insurreição, quando o povo se organizou por quarteirões ou bairros a fim de dar apoio concreto às tentativas de derrubar a ditadura. Depois que a ditadura caiu, os comitês têm executado uma ampla variedade de tarefas: distribuição de alimentos, reconstrução de casas, recuperação de serviços sociais e vigilância contra os aliados de Somoza, combate à especulação, sonhegação, alta de preços e de aluguéis. Os comitês também fornecem trabalho voluntário para o conserto de ruas e a construção de escolas, de farmácias e clínicas comunitárias, e lideram campanhas contra a delinquência e a prostituição, de recenseamento, primeiros socorros, educação sanitária e urbanização dos bairros. Os comitês de defesa estão abertos à participação de todas as pessoas acima de 13 anos de idade. Em 1985, 45% dos membros dos CDS eram mulheres; em 1987 a porcentagem elevou-se para 67%.

²⁹ MACARTHUR, Harvey. El Pueblo Debate Una Nueva Constitución. *Perspectiva Mundial*, setembro de 1986.

³⁰ DEIGHTON, Jane et al., op. cit..

³¹ MURGUIALDAY MARTINEZ, Clara (1987), op. cit..

³² Citação em FRIED, Harry. Nicaraguan Women Demand Rights: Battling Sexism Remains a Key Task. *The Guardian*, 21/12/1981.

zonas rurais e urbanas. Suas delegadas no Conselho de Estado desempenharam um papel ativo e de grande visibilidade nessa Instância, após sua criação em maio de 1980, especialmente na luta para modificar alguns itens da legislação e da Constituição que restringiam os direitos da mulher²⁹.

Em outubro de 1981, a AMNLAE afirmava ter 25 mil filiadas em todo o país³⁰. A associação definia-se como uma organização popular de massa paralela a outras como os sindicatos e organizações camponesas sandinistas. Durante o ano de 1980, sua filiação cresceu entre donas de casa, feirantes, mães de combatentes ou sandinistas mortos durante a insurreição, bem como entre as trabalhadoras da saúde e educação atraídas pelas campanhas de suas áreas específicas. A associação recebeu apenas um apoio moderado das profissionais sandinistas, funcionárias públicas e integrantes do aparelho burocrático do Partido. Trabalhadoras rurais e operárias, jovens e mulheres engajadas nas tropas foram ausências notáveis em suas fileiras³¹. Em alguns casos, a falta de identificação com a AMNLAE representava uma condescendência com as disparidades entre os papéis públicos e privados das mulheres. A comandante Dora Maria Telles, integrante da cúpula da FSLN e chefe da Frente em Manágua, na época, referiu-se a essa atitude em seu discurso na Primeira Conferência de Líderes Femininas da Revolução Popular Sandinista, em agosto de 1981, dizendo: "Muitas companheiras não quiseram juntar-se à AMNLAE; entre estas estão as que subestimam o trabalho de organização das mulheres. Quantas de nossas militantes ou participantes, militam ou participam entre oito e dez horas por dia e no resto do tempo voltam ao papel tradicional da mulher oprimida, e até gostam disso?"³²

Mas a falta de entusiasmo com a AMNLAE demonstrada por outras ativistas decorria de uma visão oposta: do sentimento de que a organização não era suficientemente feminista ou militante na defesa dos direitos da mulher e na crítica ao machismo; ou que não tinha suficiente autonomia diante da hierarquia da FSLN para tomar iniciativas estratégicas e táticas inovadoras. Essas mulheres diziam que as estruturas da AMNLAE tendiam a ser mais de endosso do que de decisão. Para elas, a associação fora identificada na imagem popular como uma organização de donas-de-casa, mães de soldados e mártires, e não como uma associação capaz de liderar uma mudança no papel das mulheres. O que tinha sido uma força no período pré-revolucionário, diziam elas, tornara-se fonte de debilidade ideológica e organizacional. A liderança da AMNLAE, por sua vez, encarava a crítica de timidez

³³ MURGUIALDAY MARTINEZ, Clara (1987), op. cit.,

perante a FSLN como “demasiado radical e exageradamente feminista”, ou “fora de sintonia com as necessidades das mulheres das classes populares”, expressão usada como sinônimo de “feminista” por alguns líderes da FSLN³³. É possível que algumas líderes da AMNLAE, na época, se considerassem feministas, mas elas relutavam em dizê-lo publicamente, pois os meios de comunicação de massa latino-americanos, durante a década de 70, tinham divulgado uma imagem negativa das feministas, apresentando-as como contrárias à família e ao homem, ou como quase prostitutas. A concepção de feminismo no partido tradicional de esquerda, inclusive no governo revolucionário cubano, após 1959, também era negativa - um movimento burguês ou pequeno-burguês interessado apenas nos direitos formais, adequado, talvez a sociedades mais desenvolvidas; ou em suas formas mais radicais, como um movimento que jogava as mulheres contra os homens e mudava o rumo da luta de classes, cujo êxito dependia da unidade³⁴.

³⁴ CHINCHILLA, Norma Stoltz. Mobilizing Women: Revolution in the Revolution. *Latin America Perspective 4*, 1977, p. 83-102; MAIER, Elizabeth. *Las Sandinistas*. Manágua: Ediciones de Cultura Popular, p. 82-85, 1985.

O modelo cubano

A expectativa dos críticos da AMNLAE de que uma organização de mulheres revolucionária de esquerda definisse uma pauta de questões explicitamente feminista, tomasse iniciativas próprias e fizesse exigências firmes à liderança de um partido revolucionário, ou ao governo, durante os frágeis anos iniciais subseqüentes à tomada do poder, era relativamente nova na América Latina. A Federação das Mulheres Cubanas fora organizada em 1960 por iniciativa do próprio Fidel Castro, um ano depois que o governo revolucionário assumiu o poder³⁵, sem que tivesse havido, na fase pré-revolucionária, a experiência de organização e formação de redes de mulheres, como aconteceu na Nicarágua. A concepção cubana do papel adequado a uma organização desse tipo refletia o contexto internacional conservador da época, assim como as perspectivas tradicionais, latino-americanas e soviéticas, a respeito da função de uma associação de mulheres. O objetivo da Federação Cubana de Mulheres foi executar as diretrizes da revolução e persuadir as mulheres de que elas alcançariam a libertação integrando-se à força de trabalho e ao processo revolucionário em geral³⁶.

Apesar de uma elevada consciência das questões feministas ter-se refletido em uma série de filmes cubanos e nos intensos debates travados em toda a sociedade, que culminaram com a adoção do pioneiro Código de Família, em 8 de março de 1975,

³⁵ AZICI, Max. Women's Development Through Revolutionary Mobilization. In: BRENNER, Phillip et al. (eds.), *The Cuba Reader: The Making of Revolutionary Society*. Nova Iorque: Grove Press, p. 457-71, 1985.

³⁶ *Ibidem*; ROWBOTHAM, Sheila (1974), op. cit.,

³⁷ GREER, Germaine. Cuba. In: *Women. A World Report*. Nova Iorque: Oxford University Press, p. 271-92, 1985; MURRAY, Nicola. Socialism and Feminism: Women and the Cuban Revolution (segunda parte). *Feminist Review* 3, 1979, p. 99-108; PADULA, Alfred, SMITH, Lois. Women in Socialist Cuba, 1959-1984. In: HALEBSY, Sandor, KIRK, John M. (eds.), *Cuba: Twenty-Five Years of Revolution, 1959-1984*. Nova Iorque: Praeger, 1985, p. 79-92; ROWBOTHAM, Sheila (1974), op. cit.; TORRENTS, Nissa. *Mujeres Magazine: The First Twenty-Five Years*. Trabalho apresentado no 14º Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino-Americanos. Nova Orleans, Louisiana, 17-19/03/1988.

³⁸ CHINCHILLA, Norma Stoltz (1985-6), op. cit.

Jamais houve uma campanha maciça contra a ideologia e as práticas sexistas. Certas concepções básicas em que se sustentavam as políticas governamentais referentes ao trabalho da mulher fora do lar, à geração de filhos, à família nuclear, à sexualidade e a noções populares a respeito da masculinidade e feminilidade ficaram fora de um exame crítico até recentemente. A tradição de iniciativas conduzidas de cima para baixo significava que campanhas para transformar os papéis de gênero, quando feitas, encontravam resistência por parte tanto das mulheres quanto dos homens³⁷.

Durante seus primeiros dois anos de existência, a abordagem da AMNLAE assemelhava-se ao modelo cubano de envolvimento das mulheres nas tarefas gerais da revolução, sem que houvesse uma discussão prévia de alternativas estratégicas e formas de organização. Por volta de 1981, apesar do trabalho dedicado de suas líderes e ativistas, os esforços da organização para atrair um amplo espectro de filiadas e aumentar a participação das mulheres em diferentes setores da sociedade revelavam resultados decepcionantes. Nos bairros urbanos, as mulheres que tinham tomado parte na insurreição queixavam-se de pouco tempo para a atividade política porque, agora que a crise imediata já passara, suas famílias esperavam que elas se dedicassem a lavar e passar roupa e a preparar as refeições na hora certa. Em alguns casos, essas exigências eram feitas pelos maridos ou filhos que participavam, eles próprios, ativamente na revolução. As mulheres que eram chefes de família - cerca de 34% de todas as famílias no país e 60% dos domicílios de Manágua³⁸, reclamavam que a necessidade de prover recursos para as famílias, trabalhando como vendedoras ambulantes ou prestando serviços informais, além do emprego formal, criava-lhes dificuldade para manter uma atividade política. Operárias, profissionais liberais e camponesas participavam de sindicatos e associações ligadas ao trabalho e, em alguns casos, atuavam na própria Frente. Para todas essas mulheres, o envolvimento com a AMNLAE representava uma "dupla ou tripla militância" para o que dispunham de pouco tempo.

O novo modelo

Após um período de reavaliação crítica, a liderança da Associação introduziu uma mudança fundamental na sua definição e estratégia de organização. A AMNLAE deixou de ser uma organização de participação direta, semelhante a outras como sindicatos e associações camponesas, para se tornar

um "movimento político-ideológico" de função catalisadora na construção de um amplo movimento de massas destinado a elaborar uma agenda de questões pertinentes à mulher e a promover a liderança das mulheres em todas as instituições e organizações revolucionárias. Em vez de concentrar seus esforços na construção e manutenção de estruturas organizacionais próprias, a AMNLAE passou a incentivar, apoiar e reforçar as iniciativas tomadas pelas mulheres em cada setor e organização, a funcionar como grupo de pressão em outras organizações e setores governamentais, a fim de facilitar-lhes o envolvimento e dar apoio às suas questões e campanhas específicas. A associação continuou também a mobilizar a opinião pública em defesa das reformas e programas relativos à mulher³⁹.

³⁹ AMNLAE. Balanço apresentado no quarto aniversário. Setembro de 1981; _____. Documentos da Primeira Assembléia Nacional. Dezembro de 1982; FRIED, Harry (1981), op. cit.,

Embora não houvesse certeza, no início, das estruturas que deveriam ser criadas para implementar a nova proposta, a modificação foi bastante aplaudida, pois aumentava as chances de a AMNLAE contar com uma base social mais ampla e estável. Não se resolveu, porém, o problema da adoção de uma perspectiva mais explicitamente feminista, nem a de aumentar a iniciativa de encaminhamento de propostas e demandas à FSLN e ao Estado. No ano seguinte, a AMNLAE encaminhou ao Conselho de Estado (organismo precursor da Assembléia Nacional, principal corpo legislativo do país) projetos de reforma da legislação sobre o divórcio, a responsabilidade pelas crianças, relações familiares, discriminação, exploração das mulheres na publicidade, licença maternidade, condições de trabalho feminino e descriminalização do aborto. A associação aproveitou a oportunidade para estimular um debate geral acerca da ideologia e práticas tradicionais das relações entre homens e mulheres na Nicarágua, inclusive a responsabilidade pelas crianças e o trabalho doméstico. Recorreu largamente ao rádio, aos jornais e à televisão a fim de incentivar o debate público. Assembléias e reuniões abertas em praticamente todas as organizações e setores no país discutiram os projetos e tiraram conclusões.

Nesse período, a AMNLAE também estimulou o jornal oficial a dar destaque a mulheres envolvidas em trabalhos não tradicionais e levantou o tema da inclusão de mulheres nas tropas - por acreditar que a participação das mulheres no campo de batalha, ao lado dos homens, durante a Insurreição é que tinha modificado radicalmente as atitudes de homens e mulheres acerca da contribuição que elas podiam dar. Procurou ainda promover a solidariedade internacional

para com a revolução nicaragüense através da participação em conferências internacionais e contatos mantidos com mulheres de outros países.

Entre todas essas atividades, a busca de modificações na legislação sobre a criança e a família, a descriminalização do aborto e o recrutamento militar de mulheres foram as mais polêmicas. Embora inúmeras modificações tivessem sido introduzidas nos projetos originais de reforma do direito de família, como resultado da discussão popular, os princípios básicos das propostas permaneceram ou foram fortalecidos. O pátrio poder, que dava aos homens o direito de propriedade sobre as mulheres e os filhos, foi substituído pelo direito de guarda, que obrigava a uma divisão das responsabilidades pelos filhos nascidos dentro e fora do casamento e a obrigação dos homens que vivem dentro de uma unidade familiar de compartilhar o trabalho doméstico⁴⁰. Essa lei deu à Justiça o poder de determinar o desconto de vencimentos para sustento dos filhos, no caso de homens que estejam empregados e sejam regularmente incluídos em uma folha de pagamentos, mas fez pouco para aliviar a carga do trabalho doméstico nas famílias chefiadas por mulheres ou nas unidades de família nuclear tradicional. A importância do debate público sobre o valor social do trabalho realizado pelas mulheres no lar e a inexistência de uma determinação biológica para a mulher assumir as responsabilidades exclusivas de sua execução e do cuidado com os filhos não deve, no entanto, ser subestimada. O verdadeiro problema estava na definição de um novo padrão para o modo de pensar dos homens a respeito das mulheres e para orientar o que elas esperavam deles ou lhes pediam, conforme ilustram os comentários abaixo colhidos durante a discussão da lei: "As mulheres não devem mais ser apenas um brinquedo nas mãos dos homens. É preciso reconhecer que, hoje, nós, mulheres, temos exigências e uma delas é a de não sermos mais vistas como simples passatempo. Isso é um problema porque os homens perseguem as mulheres quando bem entendem. Parece que eles nos vêem como um esporte, mais uma de suas atividades de lazer. Nós não achamos que seja direito que os homens nos vejam desse jeito, porque nós vimos que com a Revolução tudo mudou, e nossas vidas também têm de mudar"⁴¹. "Essa lei veio para mudar tudo. Antes, se um sujeito gostava de uma garota, ele podia conversar um pouco com ela e depois ir fazer com ela como manda a natureza. Ele nunca se preocupava com nada. Agora com essa lei da AMNLAE, primeiro ele tem que perguntar o que a garota está

⁴⁰ CHINCHILLA, Norma Stoltz (1983, 1985-6), op. cit.; DEIGHTON, Jane et al., op. cit.; FRIED, Harry, op. cit..

⁴¹ Falta de uma camponesa de 27 anos. Citada em MAIER, Elizabeth (1985), op. cit., p. 104.

⁴² Fala de um motorista de táxi. Idem, p. 115.

usando, para que ela não acabe 'de barriga' e isso tira toda a naturalidade da coisa"⁴².

Mas a AMNLAE fracassou na tentativa de abrir o recrutamento militar de mulheres. Muitos pais já faziam objeções ao alistamento obrigatório de seus filhos homens, depois que tantas vidas tinham sido perdidas durante a insurreição. Havia também um receio de que a Igreja Católica e os partidos de oposição, que procuravam enfraquecer o apoio sandinista, pudessem tirar vantagem da questão. Os comitês de base da AMNLAE tinham aplaudido entusiasticamente a proposta, mas a falta de um amplo apoio popular impediu que se conseguisse uma sustentação firme à posição da liderança sandinista. A associação conseguiu negociar com sucesso um acordo segundo o qual as mulheres poderiam, em princípio, apresentar-se como voluntárias para servir em unidades exclusivamente femininas, mas estas só foram instituídas em 1986⁴³. Muitas mulheres receberam, porém, treinamento militar como reservistas (havia sete batalhões da reserva exclusivamente compostos por mulheres em 1982; aos poucos, eles foram sendo dissolvidos em unidades mistas) e através do serviço realizado nas milícias civis, onde eram instruídas para tomar o controle e a direção de fábricas e escritórios em caso de guerra⁴⁴. Aproximadamente 45% de um total estimado de 50 mil milicianos eram mulheres em 1984. Essa proporção pode ter aumentado à medida que a guerra com os contras se intensificou.

A AMNLAE também teve de recuar um pouco em sua pretensão de incentivar um amplo debate sobre o explosivo tema do aborto, por medo de perder apoio em outras questões. Por mais forte razão ainda do que no caso do recrutamento militar das mulheres, o projeto de substituir a legislação do tempo de Somoza - que criminalizava o aborto - pela sua legalização teve de ser adiado; havia não só a forte oposição da Igreja Católica e dos partidos conservadores de oposição, como de adeptos do sandinismo, que se opunham ao aborto por razões religiosas, pragmáticas ou práticas.

O aborto legal é permitido na maioria dos países socialistas e foi um tema que não causou grande controvérsia em Cuba. Na Nicarágua, porém, onde a Igreja Católica tem sido historicamente uma instituição mais forte e mais influente na conformação das leis e da cultura popular, o tema do direito ao aborto suscitou muitas divergências, inclusive entre as próprias mulheres. Essa tradição, combinada com a forte identidade positiva com a maternidade, vigente entre as mulheres nicaraguenses, com um clima favorável à idéia de substituir as vidas perdidas no processo de derrubada da ditadura, com a associação feita entre os programas de

⁴³ MONTENEGRO, Sofia. *Integran a las Mujeres en el Ejército. Perspectiva Mundial*, 23/06/1986.

⁴⁴ MOLINEUX, Maxime (1986), op. cit..

⁴⁵ MOLINEUX, Maxime (1982), op. cit..

planejamento familiar e o imperialismo norte-americano e a ditadura de Somoza, com o argumento de alguns líderes revolucionários de que o direito ao aborto só interessava às mulheres de classe média e alta, e a tendência pró-natalidade de uma parte da liderança (baseada em posições assumidas por certos Estados socialistas ou nacionalistas pós-revolucionários⁴⁵), tornaram extremamente difícil instalar-se espontaneamente um debate aberto sobre a desejabilidade da reforma na legislação do aborto. Além disso, a liderança sandinista não via com bons olhos a possibilidade de colocar em risco o apoio dos católicos contrários ao aborto justamente nos períodos iniciais de consolidação da revolução e de mobilização para a guerra.

Por volta de 1983, o estado de euforia que se seguiu à vitória de 1979 começou a diminuir, e a insatisfação das mulheres com suas vidas começou a manifestar-se mais freqüentemente. A mobilização para a guerra com os contras tornou impossível o refúgio em uma vida pessoal tranqüila e "normal" com que sonhavam algumas mulheres, e os benefícios iniciais que elas tinham recebido da Revolução nas áreas de saúde e alfabetização começaram a ser esquecidos. Com a mobilização para a guerra, os encargos diários das mulheres aumentaram sem que lhes fossem feitas promessas claras, ou formulado um planejamento concreto, voltados para futuras melhorias em suas condições de vida. Uma abordagem qualitativamente nova à questão da organização das mulheres na Nicarágua emergiu desse descontentamento e das respostas oferecidas pela liderança sandinista.

Um movimento de mulheres num contexto de guerra

A guerra cobrou um elevado tributo à economia nacional e aos alvos humanos e materiais nas zonas de combate. O bloqueio norte-americano, a sabotagem interna e o desvio de recursos para a guerra acarretaram acentuada escassez. Acumulavam-se as baixas, perdiam-se vidas; houve cerca de 46 mil mortos entre 1982 e 1987, de acordo com as estatísticas oficiais⁴⁶. Os avanços anteriormente obtidos na alfabetização e nos serviços de saúde começaram a reduzir-se em consequência da luta e da redistribuição da população nas zonas de conflito.

A sobrevivência da Revolução exigia uma segunda mobilização popular, semelhante à que se fizera durante a luta contra a ditadura. A FSLN conclamou, então, todas as organizações populares a definir como objetivo principal a sua defesa. As líderes

⁴⁶ INSTITUTO Histórico Centroamericano. *Envío*. Washington (DC), fevereiro de 1988.

da AMNLAE interpretaram essa ordem como significando que deveriam ser adladas as questões incluídas na agenda especificamente feminina de mudanças, tais como os temas levados ao debate público sobre modificações na legislação - o valor do trabalho feminino dentro e fora do lar, as relações dentro da família, a sexualidade, a socialização das crianças nos papéis de gênero e a legalização do aborto. Mais uma vez, a AMNLAE passou a concentrar suas atenções no apolo moral às mães de combatentes (que, nessa época, eram praticamente todos os homens), no trabalho político junto às mães que se opunham ao recrutamento militar de seus filhos e no suporte logístico e material à guerra (coleta de materiais para reciclagem, campanhas de economia de energia e de mercadorias escassas, por exemplo).

Se a maioria dos homens, jovens e adultos, atuava nas frentes de guerra, as mulheres se tornaram a espinha dorsal da retaguarda, elos essenciais nas redes de defesa civil das comunidades, cada vez mais importantes em determinadas áreas de produção, particularmente na agricultura. Ao mesmo tempo, a guerra significou que as mulheres tinham de enfrentar demandas maiores sobre seu tempo além de contradições em suas vidas. Quer tivessem ou não um emprego formal ou alguma fonte de renda, as mulheres continuavam a cumprir com suas responsabilidades tradicionais de reprodução cotidiana das famílias; agora, no entanto, essa tarefa era dificultada pelo congelamento dos salários, pela inflação, pelo mercado negro, a escassez, a dificuldade de dispor de creches e centros de assistência à maternidade, além da persistência do machismo.

Durante a campanha do outono de 1984 para as primeiras eleições nacionais desde a Revolução, as mulheres manifestaram seu descontentamento com relação aos representantes da FSLN nas comunidades urbanas e nas pequenas cidades rurais. A Frente estava ciente do apolo dado pelas donas de casa insatisfeitas às tentativas da direita de anular as mudanças progressistas alcançadas em outros países da América Latina⁴⁷. Havia também indicações de que o apolo à FSLN das mulheres que trabalhavam fora estava diminuindo. As mulheres constituíam 62% do eleitorado e eram o sustentáculo da frente doméstica na guerra com os contras. Já que os sacrifícios em nome do esforço de guerra dependiam do apolo voluntário, e como os sandinistas tinham ainda de disputar a hegemonia sobre o processo revolucionário no interior de um sistema político pluralista, o descontentamento que as mulheres começavam a manifestar foi levado a sério. A FSLN

⁴⁷ CRUMMETT, María de los Angeles. El Poder Feminino: The Mobilization of Women Against Socialism in Chile. *Latin American Perspectives* 4, outono de 1977, p. 103-13.

pediu que se fizesse uma reavaliação crítica do seu modelo de organização das mulheres no contexto da guerra, focalizando principalmente a orientação que a AMNLAE imprimia ao seu trabalho.

Embora a AMNLAE fosse definida, desde o início, como Instituição organicamente independente da FSLN e do governo, suas relações com a Frente Sandinista sempre foram estreitas, assim como eram as das outras organizações de massa alinhadas com os sandinistas. Não só a criação da AMNLAE tinha sido uma iniciativa da Frente, como sua liderança de cúpula tinha sempre ocupado postos de alto nível nos quadros sandinistas. Igualmente como faziam outras organizações de massa, a associação encaminhava freqüentes consultas à FSLN, repartindo a avaliação dos seus respectivos trabalhos e levando em conta as sugestões da Frente relativamente às suas campanhas e prioridades. Mas, embora a maioria das suas principais filiadas e colaboradoras fossem simpatizantes da FSLN, a AMNLAE, como outras organizações de massa, sempre procurou influenciar e receber apoio de uma base política e social diversificada.

Havia mulheres que integravam a FSLN e não estavam envolvidas com a liderança ou o núcleo da AMNLAE, mas tomavam parte intensamente em várias atividades e campanhas da associação. Essas mulheres, apoladas por alguns homens, queriam que a associação tivesse assumido uma estratégia mais explicitamente feminista desde o início, e faziam muitas críticas ao que consideravam como uma posição de passividade por parte da liderança da AMNLAE perante o governo e a Frente. Essas mulheres, antigos quadros sandinistas, geralmente trabalhavam em agências governamentais, em organismos da Frente, ou nas equipes técnicas de outras organizações de massa de jovens, profissionais e trabalhadores industriais e rurais. Progressivamente, suas concepções foram obtendo repercussão entre as camponesas, as operárias e as jovens que emergiam como líderes em suas respectivas organizações. Já que a AMNLAE fora redefinida como um movimento social de fomento aos interesses da mulher em diferentes setores e organizações, qualquer ativista poderia ser considerada, em sentido amplo, como membro da AMNLAE. A crítica feminista à associação, entretanto, originou-se principalmente das ativistas ligadas a outras organizações de massa, que não integravam o núcleo da liderança da AMNLAE e sua base de apoio tradicional.

Significativamente, a crítica mais forte veio das mulheres que tinham trabalhado na Associação dos Trabalhadores do Campo (ATC), como filiadas ou como

pessoal técnico. Dois anos antes da convocação feita pelas assembléas da AMNLAE de uma reavaliação da estratégia da associação, a liderança da ATC, predominantemente masculina, adotara um plano de ação para "tornar os direitos da mulher uma prioridade sindical e para fomentar programas de ajuda ao acesso das mulheres a 'postos de trabalho exclusivamente masculinos' e para aprofundar sua participação nos assuntos do sindicato"⁴⁸. Uma vez que as mulheres da zona rural da Nicarágua tinham sido tradicionalmente as mais subordinadas e marginalizadas, o êxito inicial da campanha da ATC para estimular a liderança e o ativismo femininos em um lugar onde nada disso existira antes, ao lado de seus primeiros passos na análise da maneira como gênero, classe e feminismo se relacionam com a revolução social, funcionou como convincente demonstração de que uma estratégia feminista coerente com as metas da Revolução e apropriadas ao contexto da Nicarágua podiam ser desenvolvidas⁴⁹.

A partir da experiência da ATC, as feministas passaram a argumentar que a mobilização para o esforço de guerra e o feminismo podiam ser combinados. As mulheres estariam muito mais dispostas a sacrificar-se pela revolução se tivessem certeza de que a importância de sua contribuição para a defesa seria reconhecida e as conquistas que obtivessem na superação dos papéis tradicionais de gênero não seriam anuladas, quando os soldados voltassem para casa. A mobilização para a guerra não deveria excluir a reunião de mulheres para debater as condições concretas da sua vida cotidiana, mas poderiam ser também fonte de idéias inovadoras para a resolução de problemas. De uma perspectiva mais geral, as revolucionárias feministas exortavam que as decisões sobre as tarefas prioritárias da revolução fossem tomadas mais democraticamente, a fim de que mulheres de diferentes segmentos sociais e situações pessoais pudessem influenciar na agenda de questões antes que esta estivesse pronta.

A liderança da AMNLAE foi surpreendida pela descoberta do alcance da crítica que se fazia em sua base relativamente à ausência de discussão anterior de problemas tais como a violência doméstica, o machismo, o estupro, a anticoncepção e o aborto. A AMNLAE concordou, então, em adotar uma abordagem inteiramente nova ao seu trabalho, baseando-se em grupos de mulheres que tinham interesses semelhantes e que se reuniam para discutir seus problemas e propor ações concretas à associação. Em suma, as demandas de diferentes setores de

⁴⁸ JAQUITH, Cindy, KOPEC, Roberto. *Advances, Challenges for Women in the New Nicaragua. The Militant*, 20/11/1987.

⁴⁹ CIERA, *La Mujer en las Cooperativas Agropecuarias en Nicaragua*. Manágua: MIDINRA, 1984; MACARTHUR, Harvey. *Brigade Is a First for Peasant Women. The Militant*, 19/02/1988; NEBBIA, Ruth. *Encuentro de Trabajadoras del Campo. Perspectiva Mundial*, novembro de 1986; WHITE, Judy. *Women's Brigade Helps Bring in Nicaragua's Coffee Harvest. The Militant*, 10/12/1989; ZALAUETI, Monica. *Rural Women Forge Ahead. Barncada Internacional*, 27/08/1987.

mulheres é que passariam a determinar as prioridades da organização, não sua liderança.

Em abril de 1985, a AMNLAE convocou uma assembléia para planejar campanhas com respeito à sexualidade, discriminação no trabalho e violência doméstica. Mais de 40 mil mulheres, reunidas em 600 assembléias de base, elaboraram propostas e discutiram idéias antes do encontro, em setembro de 1985, das aproximadamente mil delegadas eleitas para a sua Segunda Assembléia Nacional. Foi essa talvez a primeira vez que as mulheres constituíram um verdadeiro grupo de pressão capaz de encaminhar demandas às agências governamentais, às organizações de massa e à FSLN. Uma participante da assembléia disse que esta marcava "o nascimento do movimento de libertação das mulheres da Nicarágua... seu ingresso no cenário político da revolução sandinista"⁵⁰.

⁵⁰ MURGUIALDAY MARTINEZ. (1988), op. cit., p. 63.

O status atual da mulher na Nicarágua

Incentivada pela nova liderança e munida do entusiasmado mandato recebido da Segunda Assembléia Nacional, de 1985, no sentido de que fossem incorporadas demandas mais explicitamente feministas em sua estratégia geral, a AMNLAE começou a desempenhar um papel mais agressivo e de maior visibilidade na educação da sociedade nicaraguense a respeito da discriminação no trabalho, assédio sexual, violência doméstica, necessidade de educação sexual, anticoncepção e institucionalização dos canais através dos quais as mulheres pudessem exercer poder e influência.

Um desses canais foi a criação de uma Secretaria da Mulher, estrategicamente localizada junto ao gabinete da Presidência, de modo que pudesse participar de toda as etapas do planejamento nacional. Dados coletados e divulgados por essa Secretaria, a partir de 1985, mostraram que a participação da mulher no mercado de trabalho em decorrência da guerra tinha aumentado a ponto de elas constituírem a maioria do operariado nas indústrias de tecidos, vestuário, couro e sapatos, alimentos e farmacêuticos. As mulheres formavam ainda cerca de 80% da força de trabalho em muitas fábricas, embora geralmente ocupassem os postos menos qualificados e de mais baixa remuneração. Elas representavam 34% do trabalho rural e mais de metade da mão-de-obra ocupada nas colheitas de café, algodão e tabaco, três das mais importantes culturas de exportação, geradoras de divisas para o país. Compunham 40% dos membros da ATC, mas apenas 15% de sua liderança local e menos

⁵¹ GALINSKY, Seth. Women Farmworkers Meet in Nicaragua: Conference Urges Fight Against Sexual Harassment for Low Cost Contraception. *The Militant*, 16/12/1988; _____. Inside a Nicaraguan Garment Factory. *The Militant*, 10/03/1989; JAQUITH, Cindy. The Status of Women in Nicaragua Today. *The Militant*, 20/02/1987.

⁵² JAQUITH, Cindy. Debaten el Derecho al Aborto Legal. *Perspectiva Mundial*, janeiro de 1986 _____. Legalization of Abortion Discussed. *Intercontinental Press*, 10/02/1986; OFICINA Legal de la Mujer - AMNLAE. *Aportes al Analisis del Maltrato en la Relacion de Pareja*. Managua: AMNLAE, 1986; PEREZ, Paola et al.. Mujer Campesina y Organización en Nicaragua: Participación Productiva sin Participación Social? Trabalho Apresentado no VIII Congresso Centroamericano de Sociología. Guatemala, outubro de 1988; PEREZ ALEMAN, Paola, SILU, Yvonne. La Mujer en la Economía Nicaraguense: Cambios y Desafíos. Trabalho apresentado no V Congresso Nicaraguense de Ciências Sociais. Outubro de 1986; RODRIGUEZ, Ileana. Obstáculos a la Promoción y Aplicación de la Convención sobre la Eliminación de Todas as Formas de Discriminación Contra la Mujer: Caso de Nicaragua. Textos para discussão, Oficina Legal de la Mujer - AMNLAE. Managua: fevereiro de 1987.

⁵³ DELGADILLO, Theresa. Nicaragua Seminar Discusses Problems Facing Young People. *The Militant*, 21/04/1989; GALINSKY, Seth (1989), op. cit.; WHITE, Judy. Nicaragua's Atlantic Coast: How Miskito Indian Organize, Make Gains. *The Militant*, 09/12/1988.

de 10% nas cooperativas agrícolas. Representavam também uma boa proporção dos trabalhadores nos setores informais, basicamente como vendedoras ambulantes e empregadas domésticas. As mulheres que trabalhavam fora de casa despendiam 56% de seu dia nas atividades domésticas, em comparação com apenas 9% destinados a essa tarefa pelos homens, o que dava uma média de 18 horas por dia entre as trabalhadoras rurais e 16 horas entre as operárias industriais. A maioria das mulheres que trabalhavam não tinha acesso a creches⁵¹.

Entre as mulheres que procuravam assistência junto ao novo escritório jurídico para mulheres da AMNLAE, 51% eram vítimas de violência doméstica. O índice de famílias chefiadas por mulheres continuava alto, especialmente entre as que trabalhavam fora de casa; ainda havia queixas em relação à falta de responsabilidade dos homens para com os filhos que ajudam a conceber, apesar de a nova Constituição ter instituído a co-responsabilidade dos pais biológicos⁵². Essa documentação sobre a realidade da situação da mulher nicaraguense está sendo agora discutida, sete anos após a revolução, pelas organizações populares, instituições governamentais e soldados do Exército. Em consequência, muitos homens surpreendem-se com a descoberta de que a Revolução "chegou aos seus calcanhares". Não menos importante é o fato de que mulheres de todos os setores sociais lançam contra os dirigentes de suas organizações e do governo o desafio da necessidade de agir de modo mais decidido, especialmente em relação a problemas que não exigem o desembolso de recursos inexistentes⁵³.

O repto é lançado durante as assembléias e, às vezes, em programas na televisão nacional. Municiada com documentos fornecidos pela comunidade médica, por exemplo, a AMNLAE vem divulgando o crescimento do número de mulheres admitidas no Hospital Feminino em consequência de complicações decorrentes de abortos auto-induzidos ou assistidos por parteiras não habilitadas⁵⁴. Instalações e provisões médicas são extremamente escassas, mas a necessidade de salvar a vida de mulheres e consertar os estragos deixados por abortos malfeitos eleva ainda mais os custos. Em uma conferência pública que reuniu o presidente Ortega e a ministra da Saúde, Dora María Tellez, a resposta de Ortega às observações da platéia favoráveis ao aborto deixou muitas ativistas perplexas. O presidente disse: "Os jovens é que estão lutando nas frentes de batalha contra essa agressão. Uma forma de exaurir nossa juventude é fomentar a esterilização das mulheres na Nicarágua - imaginem só em que isso poderia dar! - ou

⁵⁴A Chefe de Polícia Nacional, Doris Tijero, anunciou há algum tempo que ninguém seria processado por praticar ou sofrer aborto, mas nos hospitais públicos o aborto só é acessível em casos de estupro ou risco para a vida da mãe; o status ilegal do aborto contribui para sua estigmatização. Os mesmos médicos que se recusam a fazer abortos nos hospitais públicos muitas vezes praticam-nos em clínicas particulares em troca de honorários com que as mulheres pobres não podem arcar.

⁵⁵ JAQUITH, Cindy, KOPEC, Roberto. Como Impulsar Derechos de la Mujer? *Perspectiva Mundial*, janeiro de 1988, p. 9.

⁵⁶ MOLINEUX, Maxime. The Politics of Abortion in Nicaragua: Revolutionary Pragmatism or Feminism in the Realm of Necessity? *Feminist Review* 29, 1988, p. 114-32.

⁵⁷ WHITE, Judy. Human Toll Is High From Illegal Abortions in Nicaragua. *The Militant*, 30/12/1988.

⁵⁸ ROWBOTHAM, Shella (1974), op. cit.

promover uma política de aborto. O problema é que a mulher é que reproduz. O homem não pode ter esse papel... certas mulheres, querendo ser liberadas, decidem não ter filhos. Uma mulher que faz isso nega sua própria continuidade e a continuidade da espécie humana"⁵⁵.

Esse comentário, embora feito em tom pessoal e não oficial, causou inquietação, não só por seu moralismo, mas por aparentemente sugerir que "as mulheres foram espectadoras passivas do processo revolucionário e agora devem pagar sua dívida com a nação tendo bebês"⁵⁶. Entretanto, outros líderes da cúpula sandinista, como Carlos Nuñez, presidente da Assembléa Nacional, deixaram claro seu apoio à descriminalização do aborto e à aplicação de severas penalidades ao abuso sexual⁵⁷.

Luta permanente ou restrita às crises?

O compromisso com uma "crítica militante do machismo", primeiramente por parte da ATC, e mais tarde, da FSLN, veio dar uma resposta à preocupação pragmática com o fato de que a Insatisfação das mulheres com a vida cotidiana pudesse enfraquecer seu papel estratégico na defesa nacional. Quais são, então, as semelhanças e diferenças encontradas com relação a outras mobilizações de mulheres em momentos de guerra ou de emergência nacional - como a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos, por exemplo -, quando, terminada a crise, elas receberam muitos "agradecimentos por seus esforços" e voltaram às suas tarefas "normais" na esfera doméstica?⁵⁸. Como a revolução nicaraguense é mais conhecida por seu pragmatismo e flexibilidade do que por um conjunto coerente de ideologias ou teorias, não causa surpresa verificar que suas preocupações táticas e pragmáticas com o aumento da produtividade das mulheres e com mantê-las afastadas da cooptação por parte da oposição de direita pesaram mais do que argumentos marxistas, teóricos ou práticos, acerca das relações dialéticas entre produção e reprodução, classe e gênero.

Não obstante esse pragmatismo, é significativo que o Estado tenha optado por uma resposta que não "culpa a vítima" ou que define as mulheres exclusivamente em termos de seus sacrifícios pelos outros. O Estado não vem sendo usado para eliminar as preocupações das mulheres, como aconteceria em regimes autoritários. Em vez disso, diz-se às mulheres nicaraguenses que elas têm o direito de aspirar ao acesso permanente às esferas da produção e da

política e que sua organização é a fiadora de seu espaço na Revolução. Essa posição contrasta com a das mulheres americanas mobilizadas para as indústrias de defesa durante a Segunda Guerra Mundial; a elas se dizia que eram patriotas, mas eram apenas substitutas temporárias dos homens que estavam na guerra. O mesmo aconteceu com as mulheres argelinas, que transgrediram as definições tradicionais do feminino para engajar-se na luta pela libertação nacional contra a França e que subordinaram o debate sobre o futuro papel das mulheres ao apelo em prol da unidade nacional, apenas para caírem vítimas de um nacionalismo que incluía o retorno à "condição (islâmica) da mulher".

Não há dúvida de que haverá tensões na sociedade nicaraguense quando os soldados voltarem para casa e virem com seus próprios olhos quanto se modificaram as expectativas das mulheres e o apoio que elas recebem do governo. A maneira como se conseguirá lidar com essas tensões vai depender muito do êxito que for alcançado na resolução dos problemas da escassez de empregos, habitação, creches, serviços de saúde e artigos de consumo básico.

Uma base para a transição ideológica e política já foi construída pela educação política que os soldados recebem enquanto estão engajados, e que incluem palestras organizadas pela AMNLAE. Há também sinais de que as mulheres estão determinadas a não permitir que os privilégios concedidos aos veteranos de guerra afastem-nas das oportunidades de ingressar em programas de treinamento para postos não tradicionais, pois elas tiveram um importante papel na produção e nas milícias⁵⁹. A mudança mais importante é que as mulheres estão escavando um espaço político para divulgar seus problemas e demandas; seu acesso ao processo revolucionário institucionaliza-se cada vez mais através da Secretaria da Mulher, das seções femininas das organizações de massa e dos mecanismos mais democráticos de tomada de decisão na AMNLAE.

O progresso na elucidação de problemas teóricos complexos, como as relações entre classe, gênero, raça ou etnicidade, está frequentemente associado à aceleração de uma experiência que faz parte dos movimentos sociais - particularmente, a ruptura de antigos padrões - e à experimentação de novas relações ou vínculos que se produzem no curso de uma revolução. A tentativa das revolucionárias feministas na Nicarágua de forjar um feminismo ao mesmo tempo popular e revolucionário constitui, em minha opinião, um dos mais importantes estudos de caso do tipo de prática política e de experiência social capaz de fazer

⁵⁹ JAQUITH, Cindy, KOPEC, Roberto (1987), op. cit..

progredir nosso conhecimento teórico. O feminismo na Nicarágua mostrou, por exemplo, que a suposta contradição entre condições materiais e condições político-ideológicas, que leva as duas últimas a só avançar como um resposta mecânica ao movimento da primeira, é mais uma aparência do que uma realidade. Não há dúvida de que as condições materiais são fatores de limitação, ou parâmetros, para o caráter das sociedades, das classes e da vida das pessoas, mas a política e a Ideologia também podem, a seu modo, ser transformadas em um tipo de força material que aumenta as possibilidades e a probabilidade de encontrarem-se soluções para os problemas materiais.

Na conclusão de um estudo sobre os efeitos da mudança social na vida das mulheres do campo, as intelectuais ativistas que coordenaram a pesquisa afirmam: "Estamos convencidas de que as contradições entre produção e reprodução, entre luta de classes e luta pela libertação das mulheres, devem e podem ser resolvidas. O capitalismo é patriarcal, a vida de uma mulher é um todo integrado e as lutas das mulheres pela emancipação são parte irredutível da luta de todo o povo por seu direito à autodeterminação, democracia e paz"⁶⁰.

Embora muitas vezes pareça intensificar o conflito social no curto prazo, o feminismo tem o potencial de fortalecer a luta de classes no longo prazo, sem reduzir-se a ele. A ATC nicaraguense defende esse ponto de vista ao clamar por uma aliança estratégica entre o movimento de mulheres e as organizações da classe operária, como os sindicatos: "O pensamento revolucionário das mulheres nos ajuda muito. Elas querem uma sociedade sem patriarcalismo, sem relações de poder entre homens e mulheres, onde a liderança política seja decidida em condições de igualdade, não importando se se trata de um homem ou uma mulher. A classe operária está no rumo da construção do socialismo, e nós acreditamos que a luta antipatriarcal será uma grande contribuição, quando definirmos o nosso socialismo, nosso próprio socialismo"⁶¹.

Essa tentativa de especificar as relações entre classe e gênero, de um lado, e luta contra o patriarcalismo e socialismo, de outro, recorda-nos as observações de Rowbotham na conclusão de seu livro a respeito das mulheres, do feminismo e da revolução social, há cerca de uma década: "A conexão entre a opressão das mulheres e a descoberta central do marxismo, a da exploração de classe do trabalhador no capitalismo, ainda é muito forçada. Essa é uma idéia que ainda se encontra no pensamento das mulheres,

⁶⁰ PADILLA, Martha Luz, MURGUIALDAY MARTINEZ, Clara, CRIQUILLON, Ana. Impact of the Sandinista Agrarian Reform on Rural Women's Subordination. In: DEERE, Carmem Diana, LEON, Magdalena (eds.), *Rural Women and State Policy: Feminist Perspectives on Latin American Agricultural Development*. Boulder (CO): Westview, p. 124-41, 1987.

⁶¹ CRIQUILLON, Ana, op. cit. p. 35.

Inclusive no meu... Creio que o único caminho para dar vida a essa combinação, e torná-la clara, é através de um movimento de mulheres trabalhadoras, que resista conscientemente a ambas, lado a lado com negras, amarelas e pardas, lutando contra o racismo e o imperialismo. Ainda estamos muito longe desse movimento. Mas quando a conexão entre opressão de classe, opressão colonial e opressão sexual se tornar um lugar comum compreenderemos, não como um conceito abstrato, mas como algo que sai da experiência vivida de mulheres concretas⁶².

⁶² ROWBOTHAM, Sheila (1974), op. cit. p. 247.

O movimento revolucionário da Nicarágua ainda está, em grande parte, em processo. Muitos conceitos e relações importantes, como a relação entre as organizações populares e a vanguarda do partido, bem como o caráter da democracia no contexto da transição revolucionária, ainda não estão totalmente definidos. O futuro de um movimento revolucionário popular feminista na Nicarágua depende do encaminhamento de suas discussões e experimentos sociais. Mas, eu diria que uma década de experiência revolucionária pode servir de fundamento para dar início à síntese que Rowbotham procurava.

Pós-escrito

Em 25 de fevereiro de 1989, os nicaraguenses foram às urnas para eleger, pela segunda vez em sua história de nação independente, o presidente e o vice-presidente da República e os delegados à Assembléa Nacional. Para surpresa de todos - defensores e adversários do sandinismo, pesquisadores e observadores - Violeta Barrios de Chamorro, candidata apoiada pela União Nacional de Oposição (UNO), uma froura coligação entre 14 pequenos partidos, recebeu 55% dos votos, contra 40,9% dados a Daniel Ortega, presidente em exercício, que tinha o apoio da FSLN. A inexistência de pesquisas de boca-de-urna ao lado da heterogeneidade ideológica da coligação dos partidos de oposição tornam muito difícil extrair conclusões definitivas acerca do voto dado por subgrupos da população. A maioria dos observadores, porém, concorda que duas questões se destacam como denominadores comuns na aglutinação do voto de oposição: o estado precário da economia e a continuidade da guerra com os contras.

Na tentativa de recuperar algum controle sobre uma economia dilacerada por uma inflação descontrolada de 30.000% ao ano, o governo sandinista pôs em prática a contragosto - e provavelmente demasiado tarde - um "tratamento de choque" do tipo defendido

pelo FMI, iniciado em fevereiro de 1986. O programa de austeridade econômica conseguiu reduzir a inflação, os gastos do governo e a proporção da despesa alocada à defesa. Mas o plano econômico significou também, no curto prazo, uma elevação do desemprego e maiores dificuldades impostas à vida cotidiana de grupos sociais que, não fosse por isso, teriam dado apoio aos sandinistas (setores da pobreza urbana e o operariado, por exemplo), além das donas-de-casa responsáveis pelo consumo das famílias.

Além disso, a perspectiva de manutenção do financiamento dos Estados Unidos aos contras, caso os sandinistas vencessem as eleições, junto com o temor de uma intervenção americana direta em consequência das recentes ações militares no Panamá, pareciam toldar as esperanças de que a guerra estivesse chegando ao fim e o recrutamento militar viesse a ser abolido. Se todos finhassem sido, de uma maneira ou de outra, chamados ao sacrifício em nome do esforço de guerra, o recrutamento dos jovens para compor as tropas implicava consideráveis sacrifícios pessoais para eles próprios e suas famílias e isso causava muito descontentamento.

Analistas das pesquisas pré-eleitorais haviam formulado a hipótese equivocada de que a propensão de um substancial segmento de eleitores "indecisos" para culpar os Estados Unidos pelos problemas econômicos da Nicarágua e a guerra com os contras predispunha-os a votar no candidato sandinista. Na realidade, parece que um amplo segmento dos eleitores indecisos concluiu que a única maneira de dar um alento à economia e pôr fim à guerra com os contras era levar os Estados Unidos a interromper o boicote econômico, o suporte aos contras e fornecer ajuda econômica, através do voto no candidato apoiado pelos EUA.

Se essa análise estiver correta, a votação inesperada na oposição de um segmento significativo dos "indecisos" deveria ser vista mais como uma reação ao "cansaço da guerra", às dificuldades econômicas e ao pessimismo, do que como uma derrota ideológica dos objetivos e princípios da revolução sandinista. Com isso, não quero dizer que os "eleitores indecisos" não tenham sido influenciados por outros fatores - os pobres, pela quantidade de dinheiro que os sandinistas aparentemente gastaram numa campanha "faustosa"; os mais idosos, principalmente mulheres, pelo uso explícito do sexo em cartazes e pela contratação de "animadoras" de campanha na tentativa de atrair o voto dos jovens insatisfeitos; os eleitores descontentes, pela decisão dos sandinistas de acentuar forma e estilo (a **alegría**,

"excitação") em vez do conteúdo, durante a campanha; alguns eleitores porque se opunham ao **continuismo** (a continuidade de Ortega em uma ou outra posição de poder ao longo da última década), assim por diante. Só que esses fatores devem ter sido de menor importância e não denominadores comuns em um voto de oposição.

Sem dados adicionais, especialmente pesquisas de boca-de-urna, é difícil tirar conclusões a respeito do possível efeito do gênero no resultado das eleições. Pesquisas realizadas ao longo da campanha, até o limite legal de 30 dias antes da eleição, entretanto, sugerem outras interessantes dimensões. Numa pesquisa conduzida pela agência norte-americana Greenberg e Lake, em janeiro de 1989, por exemplo, 46% das pessoas dedicadas aos afazeres domésticos e que não trabalhavam fora disseram apoiar Ortega, contra 51% dos homens entrevistados. As mulheres que trabalhavam fora, porém, foram as que deram mais apoio ao candidato sandinista entre os três grupos: 59%. De modo análogo, as donas-de-casa manifestaram o mais alto nível de apoio aberto a Chamorro (28% contra 22% dos homens e das mulheres que trabalham) e o mais alto nível de "eleitores indecisos" (20% contra os 16% de homens e 12% de mulheres que trabalham). As demais porcentagens que fecham o total refletem respostas do tipo "não sei" ou o apoio a partidos menores.

Embora essa pesquisa, como as demais, não tivesse previsto corretamente o resultado da campanha, as diferenças que encontrou entre as três categorias de votantes se repetiram consistentemente em todas as outras pesquisas eleitorais. Tanto assim que uma piada corrente entre os pesquisadores dizia que na Nicarágua não havia dois sexos, mas três. Se bem que o controle de outras variáveis, como idade e nível educacional pudesse ter reduzido (e talvez eliminado) as diferenças, praticamente todas as pesquisas feitas antes do início da campanha e durante seu desenvolvimento indicavam que as mulheres jovens (de 25 anos ou menos), principalmente as profissionais urbanas, estavam entre as mais firmes defensoras da Frente sandinista e que, inversamente, as mulheres que não trabalhavam fora de casa, especialmente as mais velhas, moradoras de zonas rurais, em especial nas áreas de conflito ou na Costa Atlântica, ou as intensamente religiosas, eram as mais reticentes no apoio ao governo sandinista.

Embora a plataforma da coligação vencedora seja em muitos pontos vaga e faça silêncio sobre os temas da igualdade e da libertação das mulheres, partes de seu "programa social" sugerem uma ideologia

tradicional e conservadora da família e do papel das mulheres. Em relação à família, o programa pede que "os filhos respeitem mais aos pais" e propõe a "recuperação da função moral e social da família nicaragüense". A única referência específica às mulheres exige que "se organizem programas voltados para a mulher com a finalidade de fortalecer seu senso de dignidade e integração a funções familiares, econômicas, sociais e políticas".

Essa filosofia basicamente conservadora, ao lado da promessa de Chamorro de reduzir o gasto público, sugere uma postura oficial incapaz de atender às necessidades básicas das mulheres, além de hostil em relação ao feminismo. Mas, na qualidade de maior e mais coesa força política do país, os sandinistas continuarão a exercer considerável influência na Assembléia Nacional (ocupando 39 cadeiras, contra um total de 51 divididas entre os 14 partidos da UNO); os sandinistas têm o controle da Suprema Corte até 1993, e continuarão a ter uma imensa base de apoio nos sindicatos operários e organizações camponesas, entre os trabalhadores rurais, mulheres, jovens e outros segmentos sociais. Evidentemente, o acesso a recursos para organização e prestação de serviços diretos será reduzido, mas uma série de projetos, inclusive alguns dos mais importantes voltados para as mulheres, continuarão a receber apoio financeiro internacional.

Liberados do duplo e freqüentemente contraditório papel de controlar e reativar a economia e, ao mesmo tempo, de tentar seguir metas econômicas redistributivas e de justiça social, os sandinistas poderão ficar mais livres para buscar o tipo de organização de base que foi negligenciado durante os dois últimos anos dos programas de austeridade. A oposição dentro da Frente a uma organização de mulheres mais explicitamente feminista pode vir a diminuir agora que já não é necessário manter uma política de flexibilidade em relação a uma hierarquia hostil da Igreja Católica para conservar o poder. É possível que a tendência a fazer experiências e assumir riscos venha a caracterizar mais claramente a organização da base popular da FSLN do que foi no passado, beneficiando uma estratégia revolucionária feminista.

Quanto à garantia das vantagens até agora alcançadas pelas mulheres, ou a elas concedidas, certamente será preciso uma forte pressão popular ao lado do apoio internacional. Já há notícias do corte ou suspensão da prática de abortos anteriormente realizados em clínicas particulares ou públicas, com aprovação oficial, nos últimos anos, por medo de que

elas venham a ser fechadas pelo novo governo, perdendo-se outros serviços de saúde essenciais para a mulher. Não há consenso entre as nicaraguenses, assim como entre as mulheres de outros países, no que diz respeito às suas demandas principais, ou aos seus interesses estratégicos e práticos de gênero. Algumas certamente terão simpatias pelo novo governo e até trabalharão para ele. Mas parece haver uma alta probabilidade de que, após terem experimentado um nível de poder coletivo e de influência jamais vistos em toda a história da América Central, as nicaraguenses lutarão para preservar as conquistas que alcançaram e, o que me parece mais importante, para criar a infraestrutura ideológica que possibilite levar avante a Revolução.

TRADUÇÃO DE VERA PEREIRA.